

VÁRIAS

Morreu o velho palhaço Dudu, Silvana Pampanini não veio, e por falar nisso me contaram ontem que o Banco do Brasil está apertando demais uma grande empresa de cinema. Se a coisa é como me contaram (espero que não seja exato) a empresa ficará sob intervenção e quase paralisada. Está claro que o EB deve fiscalizar direitinho a aplicação do dinheiro que empresta, mas também por causa dos últimos escândalos não vamos criar em nossa administração um complexo BE. Cinema é uma indústria nova e caríssima, que está destinada a dar muitos foras e praticar muitos erros e tolices, mas que é necessária, que já está começando a fazer boas coisas e que pôde ser um grande fator: a) de economia de divisas, b) de produção de divisas.

Considerando que o Estado não deve e não pode criar por si mesmo, essa indústria, pois daria em droga, e que o capital particular ainda se mostra muito tímido nesse setor, não vejo nenhuma solução fora do EB — o EB agindo com generosidade e paciência.

Se os diretores da empresa não estão desviando do dinheiro para outras coisas (não estão mesmo) e o aplicam em construir estúdios, em fazer filmes, em produzir, não é espantoso que façam às vezes más negócios, filmes que dão prejuízo, etc. É normal. Um certo "aperto" do EB será compreensível, mas não ao ponto de reduzir a produção a um ritmo incompatível com as proporções da empresa. Em tempo: não tenho nada a ver com nenhuma empresa de cinema, não sou candidato mocinho nem a vilão, e quanto ao EB é dos raros estabelecimentos de crédito de certo vulto desta praça que não tem a honra de guardar nenhum papagaio meu.

Tirante isso direi que a manhã é cheia de sol, o mar azul, o vento leste. Que estou tão impressionado com a força e a beleza do romance "Cangaceiros" de José Lins do Rego que resolvi ler bem devagar, economizando páginas, para ter mais gosto. É assombrosa a riqueza de histórias que esse romance encerra, cada sujeito que entra no livro tem uma história que daria para outro romance e tudo com uma verdade, uma autenticidade impressionantes. Além de tudo José Lins está escrevendo tão bem como nunca antes fizera — agora já podemos dizer que ele não é apenas um grande romancista, é também um grande escritor. É de sua linguagem que sempre foi saborosa e viva ele criou um estilo, um estilo de verdade, másculo, intenso e firme — quando antigamente o defeito de sua prosa era exatamente ser um tanto bamba em suas repetições e relaxamentos. Não hesito em dizer que ele está na sua maior força e eu, que já me irritei com certas fraquezas suas (em "Pureza" por exemplo) e não escondi essa irritação, tenho um enorme prazer em louvar, em alcandorar o velho amigo, repetindo aqui estas palavras que ele costuma dizer: "com o Zé do Rego ninguém pôde não".

Não pôde não.

16/10/53 R.B.

445